

BI

BOLETIM INFORMATIVO

203

2º trimestre 2017

Conversas ASSP

*A Décima Sinfonia
de Beethoven*

Augusto Mesquita

Cartão Galp

Delegações

Curiosidades

*Portugal e os
Fundos Europeus*

*36º Aniversário
ASSP*



Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>Conversas ASSP</i>	12
<i>36º Aniversário ASSP</i>	14
<i>Artigo "A Décima Sinfonia de Beethoven"</i>	16
<i>Augusto Mesquita</i>	
<i>Delegações</i>	19
<i>Curiosidades</i>	26
<i>Cartão Galp</i>	27

Residências Sênior (ERI) Casas dos Professores



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,
3201 - 4350-111 Porto
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
[Casa em Pechão](#)
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra,
3 3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel. 253 512 369 | Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,
2º andar, salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 222 032 049
d.porto@assp.pt
[Casa da Torre](#)
Rua da torre, nº 208, 4580-752 Sobrosa
Tel. 255 963 538 | Tlm. 931 736 357

Núcleo de V. Nova de Gaia

Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede Nacional



SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00h-13.00h / 14.00h-17.30h

Só é previsível o Futuro que se constrói



Ana Maria Morais

Presidente da Direcção Nacional da ASSP

A estratégia propriamente dita tem uma origem militar. A Arte da Guerra do chinês Sun Tzu, é considerado o primeiro documento que expressa o pensamento estratégico. No Ocidente, este tipo de pensamento floresceu com Carl von Clausewitz, um oficial prussiano, com formação em filosofia.

Porém, hoje e na aplicação à governança de organizações, a base do pensamento estratégico passa pela definição de objectivos, pelo que se pretende conseguir, pelo ponto a que se quer chegar e como se deseja ser percebido. É uma antevisão de oportunidades que se consideram como previsíveis e que se torna imperioso aproveitar.

Sem procurar fazer ironia poderá dizer-se que o pensamento estratégico é uma conversa com o Futuro no qual se pretende conseguir atingir objectivos que foram considerados vitais, tendo em consideração os meios financeiros e humanos de que se dispõe.

É interessante considerar a estratégia como duas faces de uma mesma moeda. Uma delas será o pensamento estratégico e a outra o planeamento estratégico. É necessário encontrar os objectivos a atingir que significam um novo momento da vida da organização indispensáveis para a sua continuidade e planear todas as etapas que devem ser percorridas para atingir esses fins.

O planeamento estratégico é fundamental porque os meios disponíveis para atingir os objectivos são limitados.

O cumprimento do plano estratégico, materializando o pensamento que está na sua raiz, determina, muitas vezes um novo padrão de funcionamento das organizações. Esta é a mudança mais difícil de conseguir, mas também a mais indispensável.

Não é possível construir o Futuro com as normas do Passado que o Presente disse já não serem actuais.

Ana Maria Morais

Ficha Técnica

DIRECTORA

Ana Maria Morais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social
dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Margarida Sousa

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Inscrição na DGCS 11 184 1/86

Depósito Legal 36086/90

Número Avulso 0,50 €

Assinatura anual solidária 10,00€

Tiragem (n.º exemplares) 10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da
responsabilidade dos autores.

Vidas Mulheres Açorianas

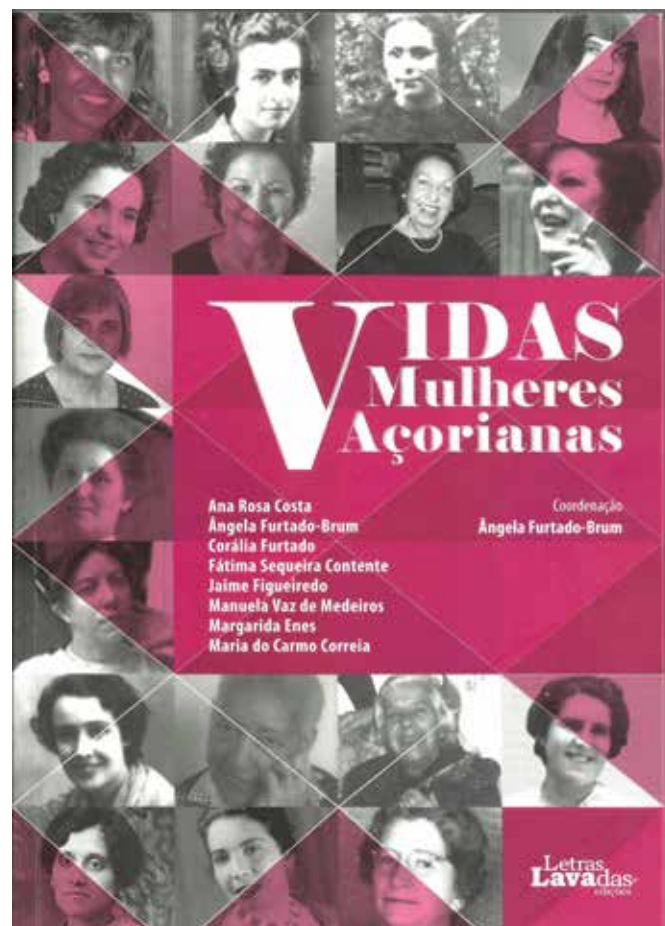
A Delegação Açores da Associação de Solidariedade Social dos Professores, no âmbito da sua acção de promover o bem estar dos associados, apresentou o livro intitulado **Vidas – Mulheres Açorianas** - coordenado por Ângela Furtado-Brum e em que, para além dela, figuram os nomes das professoras Ana Rosa Costa, Corália Furtado, Fátima Sequeira Contente, Manuela Vaz de Medeiros, Margarida Enes e Maria do Carmo Correia e o professor Jaime Figueiredo. Uma obra que tem merecido as mais favoráveis referências, nomeadamente na comunicação social local, e que depois do seu lançamento em Ponta Delgada, está a ser apresentado em alguns outros concelhos da ilha de S. Miguel.

Sobre ela escreveu o seu prefaciador, Urbano Bettencourt:

“Se estas Vidas conseguirem, em síntese, aproximar-nos mais destas mulheres, do seu universo pessoal, e revelar-nos uma outra dimensão para lá da superfície e do quotidiano, mesmo daquelas que conhecemos pessoalmente – então elas terão cumprido um dos seus propósitos centrais, o de evitar o silêncio e o esquecimento e de, ao mesmo tempo, relembrar-nos como a vida individual se faz também de pequenos gestos e de sonhos e cuja concretização se projeta, sob diversos modos, no mais vasto mundo coletivo”.

Teresa de Medeiros, apresentadora do livro, escreveu:

A obra coletiva que produziram, bem escrita e bem concebida, original (ela em si criativa e aberta) honra os professores, destaca os autores, eleva as homenageadas e enobrece o espaço de escrita criativa, muito bem orientado com a maestria, a simplicidade, o profissionalismo e a competência da professora e escritora Ângela Furtado-Brum, a quem devemos mais esta



iniciativa. A obra consubstancia um legado cultural para a história do nosso povo açoriano, particularmente no que às mulheres diz respeito.

Eu próprio, a este propósito, referi no jornal Atlântico Expresso que “ao ler estas quase quatrocentas páginas, senti que para o equilíbrio social que tanta falta está a fazer neste tempo de perda de valores, é necessário abrir tantos palcos de amor, ocultos no silêncio de cada dia. E este livro consegue ser uma pequena constelação de afectos no universo de vidas vividas, sentidas e sofridas que são os alicerces deste edifício chamado Açores”.

A Delegação Açores da ASSP tem recebido diversos pedidos para continuar este trabalho, na linha do que agora foi editado, com chancela das Letras LAVAdas Edições.

Santos Narciso
Jornalista e Crítico Literário



O Algarve não é só sol e mar Estoi - Aldeia Branca

A sul de Portugal, entre a serra e o mar, ergue-se imponente a bela aldeia de Estoi, a Aldeia Branca, como ficou imortalizada nos versos do poeta Emiliano da Costa que, sendo natural de Tavira, adotou esta aldeia como sua.

A sua localização a 10 Km de Faro, sede de concelho, o seu clima mediterrânico, os bons ares que aqui se respiram, privilegiavam os seus habitantes que beneficiam dos ares da serra e avistam o mar dos seus terraços. As casinhas brancas que outrora se espalhavam pela serra de Monte Figo, deram lugar a bonitas e confortáveis vivendas, de estrangeiros, que escolheram este local para viver as suas reformas.

Os achados arqueológicos encontrados indicam-nos que esta zona foi povoada desde tempos remotos, exemplo disso são as famosas Ruínas Romanas do Milreu que, segundo os estudos desta matéria, terá sido habitada pelos governadores de Ossónoba, capital da província na época. Estas Ruínas, atualmente com um centro interpretativo, são visitadas diariamente, não só por turistas, mas também por

grupos de estudantes que ali beneficiam de aulas ao vivo e a cores.

Digno de uma visita ou, porque não, de passar uns dias agradáveis, é também o lindo Palácio de Estoi, atualmente transformado em Pousada de Portugal. Este Palácio, com as suas simetrias, de estilo barroco, é considerado a mais significativa jóia da arquitetura do século XVIII/ XIX, a sul do Tejo.

A Igreja Matriz, da época renascentista (1540), que herdou o nome de S. Martinho por ter sido edificada no local onde anteriormente se erguia a Ermida com o mesmo nome, atualmente é dotada de uma sumptuosa fachada Neoclássica e é precedida de uma imponente escadaria, que tem cativado ao longo dos anos os noivos e suas comitivas para belas sessões fotográficas, servindo esta Igreja e sua escadaria de pano de fundo nos registos dos enlances matrimoniais de milhares de casais.

A Praça da Liberdade, em frente à Igreja de S. Martinho, com a famosa bica e bebedouro onde antigamente os aldeões se abasteciam de água e davam de beber aos seus animais, constitui-se

como um cartão-de-visita desta aldeia.

Estoi (sem acento gráfico, de acordo com a Lei nº 32/2005), rica pelo seu património histórico, pelo bom ar que se respira, pelo azul do céu e pelo dinamismo das suas gentes, é bem retratada nos versos do seu filho adotivo, Emiliano da Costa:

"ALDEIA BRANCA"

Circunscrito à moldura da janela,
Vai o quadro do dia já a meio,
Potes de azul derramam-se na tela
E o sol a rir-se, a rir, bate-lhe em cheio.

Que inundação! Por cima de quintais,
Sobre telhados, torres, parreiras,
É o céu, é o céu azul demais!

Aflita, a aldeia acorre: e o ar atira
O gesso, a cal, chapões de claridade,
A ver se a cor deslava, o azul se atira.
Que superabundância – a claridade!

E eu visto a bata de escaiolador.
E eu sou espátula, pincel, pintor.
E eu já não sei o que faça a tanta cor.

Emiliano da Costa

*Maria Guiomar Paulo
Associada 20006*

A casa dos meus Avós no bairro da Beira Mar,

por Gaspar Albino, um Amigo da ASSP

Era uma casa típica dessa época, de pessoas que viviam, principalmente, da Ria, do mar, da pesca, das marinhas de sal. Térrea, com telhado de uma só água. A porta, sempre na tramela, do pequeno aido de terra batida, coberta de junco verdinho. Ao fundo, havia um pequeno coberto, que garantia o abrigo para quem se servia da *cumua*. Esta era a sanita, feita de madeira, com um buraco na tampa. Usada por toda a gente, tudo escorria para a terra coberta de junco. A verdade é que nunca me cheirou mal! Um dia, a minha curiosidade quanto ao entulho (até as vísceras de peixe iam lá parar) foi satisfeita. O meu avô Luís explicou-me que, todos os fins de semana, do campo, vinham carros de bois, com dornas, para onde eram recolhidos os estrumes que serviam para adubar as terras. Higiene perfeita, como se vê... E mais: tudo era aproveitado!

Do aido tínhamos acesso à cozinha, essa, sim, com uma porta com fechadura e que era verdadeiramente o coração da casa, o reino do meu avô Luís. Caldeiradas e sopas de peixe era tudo com ele. Sentava-se num mocho num cantinho da lareira, ligeiramente mais elevada que o resto do chão, todo ele de terra batida, coberto também por junco, e lá cuidava ele de preparar o brasido. A panela de três pés, sempre com água que ele nunca deixava arrefecer, já estava pronta para se chegar ao calor. Era dentro da panela de três pés que ele colocava uma outra que cabia na sua embocadura. E era nesta que ele fazia a caldeirada e a sopa de peixe. Tudo em banho-maria, o que permitia um apuro de sabores verdadeiramente excepcional.

O ritual do almoço, que na Beira-mar se chamava jantar, era verdadeiramente um espetáculo: ver o meu avô Luís retirar da panela as batatas cortadas às rodela com um enorme cuidado para que não se partissem; depois as cebolas; depois o peixe, o rei da comida, tudo muito bem arranjado na bacia de esmalte branco que a minha avó Guilhermina punha

em cima da mesa baixinha, não sem antes ter colocado sobre ela uma toalha de oleado.

À volta da mesa, quatro mochos: um para a avó, outro para o avô, outro para o meu tio Luís, irmão de meu pai, e outro para mim. No meio dos dois avós já estava um garrafão empalhado, com vinho tinto. Era para os avós partilharem; no lugar do meu tio, um copo para pôr o vinho; outro copo para eu beber água. Todos comiam da bacia, retirando com garfos o quinhão que lhes cabia. Cheirava que era um regalo... E sabia ainda melhor!

Entre a porta da cozinha e a lareira, uma janela que dava para o aido e iluminava o espaço. Na parede fronteira havia uma escadinha que levava até ao tecto da cozinha. E, neste esconso, estava uma cama que era utilizada pelo meu avô sempre que ele entendia que a maré estava de feição quando, de madrugada, ele ia, de caçadeira, até ao esteiro de Esgueira, lançar as artes da pesca, que o meu avô guardava num sobrado que servia também de tecto às outras divisões da casa.

Logo à saída da cozinha, entrávamos numa zona assoalhada: um corredor que terminava na sala do Senhor, mas que, antes, dava saída, primeiro, para uma saleta onde estava uma mesa com abas e um armário onde a minha avó guardava a louça; depois, também, para o quarto de dormir dos meus avós. A sala do Senhor era o compartimento mais recatado da casa. Normalmente na penumbra, pois a sua janela tinha sempre as suas portas semi-cerradas, tinha uma porta que, praticamente, só se abria pela visita pascal. Em frente à porta, uma cómoda. No seu centro, um crucifixo que parecia ganhar vida por conta de uma lamparina de azeite que minha avó mantinha sempre acesa.

Esta foi a casinha dos meus avós paternos. Como tenho saudades desses tempos...

Gaspar Albino

ALJUSTREL, TERRA VIVA

Pela nossa forte tradição mineira, mas também pela nossa agricultura, património natural e edificado e principalmente pelo carácter das nossas gentes, habituadas a trabalhar com afinco e a receber com amizade, Aljustrel é hoje um concelho de referência a nível regional e de reconhecida notoriedade a nível nacional.

As nossas infraestruturas urbanas, a qualidade dos equipamentos com vocação cultural, desportiva e de lazer, as infraestruturas e equipamentos de apoio ao desenvolvimento económico e social, contribuem sobremaneira

para a qualidade de vida dos nossos habitantes e para seduzir os nossos visitantes.

No entanto, ambicionamos um concelho ainda mais moderno e próspero. Por isso,

apostamos numa indústria extrativa mais sustentável, que crie mais emprego e riqueza.

Ambicionamos o desenvolvimento de uma agricultura mais sofisticada, que saiba tirar partido das novas tecnologias e do recente alargamento das áreas de regadio no nosso concelho proporcionado pela ligação da Barragem do Roxo à Albufeira de Alqueva.

Apostamos também na potenciação da atividade turística alicerçada no nosso ímpar património natural e edificado, com forte destaque para a rentabilização do riquíssimo e peculiar património mineiro de Aljustrel.

"Aljustrel, Terra Viva" não é apenas um slogan. Acreditamos que é uma maneira de estar na vida, olhando para o futuro com determinação e confiança nas potencialidades do nosso concelho.

Marcos Aguiar

(Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Aljustrel)



Vontades que mudam o tempo



A organização das sociedades, organismos vivos e de estrutura mutável, pode observar-se em múltiplas escalas e em múltiplas caracterizações.

No que concerne ao associativismo [organizado], ancorado em valores sociais, temos uma visão dum percurso evolutivo que nasce da vontade comum de suprir uma necessidade primária, até à contribuição com respostas complexas para o desenvolvimento regional.

Esta evolução é, naturalmente, um reflexo da evolução da realidade socio-política de um tempo que não é possível medir linearmente, com avanços, recuos e alterações de trajectória da nossa história.

Vivemos em rede, quer do ponto de vista da comunicação, evocando comumente as redes de informação hoje trivializadas pelo acesso democratizado à tecnologia, mas é nas redes físicas, entre pessoas, que as transformações profundas ocorrem pela vontade comum.

A diversificação das necessidades da sociedade é reflectida na diversificação do campo de acção das organizações, tornando-se um eco do que imprimimos nessas vontades.

E é neste sistema dinâmico que o associativismo pode ter uma função de barómetro da sociedade, que vai para além da auscultação, pela sua dimensão interventiva que actua com respostas às solicitações e aspirações de todos os que nela participam.

É necessário articular estas vontades enquanto agentes responsáveis e críticos, dotá-las de um carácter dinâmico, de visibilidade e abrangência tal, que fale da nossa diversificação intrínseca ao livre exercício da cidadania.

Emmanuel Veloso

Há homens bons!

Há homens bons!

Procurei nos livros lá de casa um poema que me agradasse dizer hoje, aqui, em Poesia e Cante. Ao fim de vários, decidi: É este!

Trata-se de um poema de Tiago de Melo que começa com esta dedicatória: Canção para os fonemas da alegria

A Paulo Freire,
Irmão dos homens

*Peço licença para umas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor, publicamente.
Sucedem que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.
Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,
e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas
são mágicos sinais que se vão abrindo
constelações de girassóis girando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.*

*[...] Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem
novo:
ele atravessa os campos espalhando
a boa nova e chama os companheiros
a pelejar no limpo, frente a frente,
contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.
Peço licença para terminar
Soletrando a canção de rebeldia
Que existe nos fonemas da alegria:
Canção geral de amor que eu vi crescer
Nos olhos do homem que aprendeu a
ver.*

*Excertos de " 20 anos da colecção Círculo de
Poesia - 20 anos de Poesia Portuguesa"*

Que elaboração mental se passou no meu cérebro que me levou à escolha?

Automaticamente transferei a dedicatória "A Paulo Freire, irmão dos homens" para "Mestre Joaquim Soares irmão dos homens" e soou-me bem.

Primeiro- Foram dois homens que eu admirei. Que paralelismo entre os dois?

Ambos foram homens bons. Ambos foram homens de causas. Paulo Freire na Educação e Alfabetização; Joaquim Soares, entre outras, na divulgação do cante Alentejano, de raiz rural;

Ambos lidaram com segmentos desfavorecidos da vida social. Ambos, embora em escalas diferentes, contribuíram para que a história não apagasse a memória dessas vidas sofridas mas solidárias, sensíveis, observadoras, arreigadas às suas origens - o Nordeste brasileiro, em Paulo Freire; o Alentejo, em Joaquim Soares.

Ambos viram o seu esforço reconhecido pela Unesco.

Evocaria alguns poemas do Cante Alentejano que o Mestre nos ofereceu.

Apesar da dureza das suas vidas, o povo alentejano encontrou espaço para a poesia. Muitos desses poemas não foram registados pelos seus autores já que grande parte deles era analfabeta.

Esta poesia explora temáticas variadas em ambiente rural como:

- **A vida do campo** "ceifeira, linda ceifeira, eu hei-de casar contigo| lá nos campos secos campos | à calma ceifando o trigo"... ";

- **O recurso aos elementos da Natureza** "O Sol é que alegra a terra, desde a manhã quando nasce..."; "Dá-me uma gotinha de água, dessa que eu oiço correr..." ; "as nuvens que andam no ar| arras-tadas pelo vento|foram buscar água ao mar pra regar em todo o tempo ..."

- **O Amor, com recurso a metáforas campestres** "Que inveja tens tu das rosas| se és linda como elas são... as folhas ornam-te o peito, a raiz o coração"; " Se os bêjos espigas-sem|como espiga o alecrim|havia muitas cachopas|cujo rosto era um jardim"

A Religiosidade, "Qualquer filho de homem pobre| nasce num berço dourado | só vós meu menino Deus | numas palhinhas deitado;

De denúncia social - "Nas minas de S. João... morreram quatro mineiros...abateu uma barreira...eu trago a camisa rota e o sangue dum camarada...".

Nota

Um dos últimos pedidos que o Mestre Soares nos fez, foi que o grupo do Cante da ASSP continuasse a cantar e a divulgar este património que é o Cante Alentejano. Assim faremos, Mestre!

Conceição Coelho

(Professora, elemento da Direcção da ASSP, Évora)

Movimento Transformers

O Movimento Transformers nasceu da vivência de um grupo de breakdance de Palmela, os *In Motion*, que enquanto treinava nos parques da vila descobriu que podia usar aquilo que fazia bem para fazer a diferença na sua comunidade. Começou a dar **workshops** a outros jovens da comunidade, que se juntavam ao grupo e aprendiam com os mais experientes, e que depois ensinava os mais novos.



É esta a filosofia do **Movimento Transformers**: criar um ecossistema onde as pessoas conseguem descobrir as atividades de que mais gostam e usam esse talento para transformar a sua comunidade. Assim, aquilo que gostamos de fazer, mais do que um passatempo, passa a ser o nosso superpoder. E daqui nasce um Movimento que é de todos!



Através do programa Global Changemakers, participaram no Fórum Económico Mundial de 2010, em Davos. Foi aí que surgiu pela primeira vez o nome dos Transformers e que tiveram a oportunidade de apresentar o projeto ao Bill Gates e a muitos outros líderes mundiais. Foi oficialmente criada a Associação Juvenil Transformers.

O **Movimento Transformers** é um movimento nacional de voluntariado que tem como missão aumentar o envolvimento das pessoas nas suas comunidades. Na base deste movimento está a crença que a grande maioria das pessoas tem vontade de transformar, estando apenas à procura do seu superpoder para mudar o mundo.

Em termos de conceito o que Movimento Transformers fez foi criar um programa de voluntariado que mobiliza mentores de todos os desportos, formas de arte ou atividades, que dão aulas dos seus talentos a grupos de aprendizes (6 aos 106 anos de idade) nas diferentes Escolas de Superpoderes.

Uma Escola de Superpoderes é um espaço onde qualquer pessoa pode descobrir os seus talentos ocultos, aprendê-los com mentores e usá-los para transformar a sua comunidade. Estas escolas podem funcionar em qualquer

lado: numa escola, num pátio ou garagem, num lar de acolhimento, num hospital ou até mesmo numa prisão!

Estas Escolas são dinamizadas por ativadores que potencia e alavanca o Movimento. A ASSP irá assumir este papel.

Tem sido uma jornada incrível! Desde 2010 que o Movimento Transformers já mobilizou mais de 150 mentores voluntários, mais de 1840 aprendizes, já dinamizou mais de 4860 horas de aulas em 52 comunidades e já realizou 51 atividades de payback (ações que os próprios aprendizes realizam para resolver um problema social na sua comunidade) e 30 intercâmbios entre aprendizes.

Estando presentes em cinco cidades de Portugal (Amarante, Paranhos, Vila Nova de Gaia, Coimbra e Leiria) o Movimento Transformers abre a sua primeira Escola de Superpoderes em Guimarães já em Setembro, em colaboração com a ASSP!

Contamos contigo para transformar o mundo? Se achas que tens um Superpoder (que pode ser o que tu quiseres: Bordados; Guitarra; Cozinha; Pintura; Dança; Bijuteria; Barro;...) para ensinar e tens algum tempo livre, entra já em contacto connosco. Vamos precisar da tua ajuda!

Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos

O Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos (MCA) foi inaugurado em 2013.

Este espaço tem apresentado um conjunto de exposições cuja temática incide sobre a pintura e a escultura naturalista, particularmente em torno dos pintores José Malhoa e Henrique Pinto e dos escultores José Simões de Almeida Tio e Sobrinho, bem como sobre vários artistas do Grupo do Leão. A visita ao MCA inclui também o Posto de Turismo, instalado no mesmo edifício.

O Município de Figueiró dos Vinhos tem contado com a inestimável colaboração de várias individualidades e museus nacionais, em particular o Museu do Chiado e a Dra. Maria de Aires Silveira.



O MCA encontra-se junto ao Casulo de José Malhoa, antiga residência do pintor, onde este faleceu em 1933.

Destaca-se ainda o Museu do Xadrez, também inaugurado em 2013, que representa um dos poucos museus dedicados a esta temática no mundo.



Informações úteis

Horário de Inverno:

De segunda a domingo, das 9h00 às 17h00 (encerra para almoço das 13h00 às 14h00)

Horário de Verão:

De segunda a domingo, das 9h00 às 18h00

Morada:

Av. José Malhoa, 3260-402 Figueiró dos Vinhos

Telefone:

236 552 195

Email:

geral@mcafigueirodosvinhos.pt

Site:

<http://www.mcafigueirodosvinhos.pt/>

Facebook:

<https://www.facebook.com/MCAFigueirodosVinhos/>

Miguel Serra

Responsável do Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos



Decorreram na Escola Sá da Bandeira, em Santarém, as primeiras **Conversas ASSP** - Seminário creditado - sob o tema *Seminário sobre as Escolas*

A Presidente da Direcção da Delegação de Santarém, começou por agradecer a disponibilidade que a Directora do Agrupamento, Maria Adélia Fontes Cadete Esteves demonstrou para acolher a ASSP.

A Direcção Nacional saudou os presentes e deu início aos trabalhos.

O 1º tema a ser abordado - **GESTÃO E AUTONOMIA DAS ESCOLAS** - contou com três intervenientes.

Mariana Dias - *membro efectivo dos Conselhos Científico e Pedagógico da Escola Superior de Educação de Lisboa* - afirmou que há vários conceitos de autonomia de Escola a qual se pode exercer em vários domínios. Considerou que alguns referenciais foram desaparecendo, dando lugar a uma corrente económica neo-liberal e que surgem dúvidas sobre a eficácia da sua aplicação, sobretudo nos últimos anos.

Salientou que a Autonomia aparece frequentemente com metáforas relacionadas com "terra prometida", "ficção necessária"....

Não há uma relação linear entre a Autonomia das Escolas e a sua melhoria nem se deve apenas à descentralização.

Implica uma maior preocupação com os valores e princípios da Escola pública e acentua a mudança nas funções dos actores, sobretudo ao nível da subjectividade "*mudamo-nos a nós próprios*", "*regulamo-nos a nós próprios*".

A Autonomia torna a Escola pública mais individualizada e personalizada.

Manuel Pereira - *Presidente da ANDE, Associação Nacional de Dirigentes Escolares* - considerou que a defesa da Escola Pública e dos direitos que lhe estão associados, se situa na autonomia.

Uma Escola melhor só será possível com mais autonomia que terá que ser respeitada pelo poder central.

Afirmou que a participação das Autarquias na gestão das Escolas tem trazido problemas e que pode conduzir a ingerências difíceis de contornar.

Reiterou que a gestão dos recursos humanos deve estar nas mãos da entidade que organiza e é responsável pelo processo educativo, a Escola.

A Educação é um desígnio Nacional e não apenas Municipal. A participação dos Municípios na gestão das Escolas pode existir, mas em parceria e com competências bem definidas.

A presença das autarquias nas Escolas pode conduzir a uma partidarização política, nada aconselhável.

José Eduardo Lemos - *Presidente do Conselho de Escolas desde 2014* - Salientou que o regime de autonomia existe há vários anos, mas que o poder de decisão continua longe das Escolas.

Após a assinatura dos primeiros contratos de autonomia, em 2007, foram criadas comissões de acompanhamento à sua execução cujas conclusões nunca foram tornadas públicas.

Autonomia implica diferenciação que não se ajusta à vontade do poder actualmente instituído.

As Escolas temem que competências suas sejam transferidas para as Autarquias, permitindo que o poder político possa influenciar o processo educativo.

A Autonomia que está na moda não interessa às Escolas ou ao ensino. Há que definir as competências do ME, das Escolas e das Autarquias.

A autonomia curricular não pode acontecer sozinha, pois ela só existirá efectivamente quando forem transferidas as competências necessárias para as Escolas.





O tema **GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA DOS AGRUPAMENTOS E CONTRATAÇÃO PÚBLICA** foi abordado por **Vasco Cavaleiro** - Mestre em Direito Administrativo.

O orador manifestou-se contra a descentralização, uma vez que, existindo Municípios sem capacidade para gerirem as escolas, procederão a subcontratações de privados.

É evidente o risco de surgir uma dupla tutela sem definição de fronteiras. As Escolas não têm poder, mas têm responsabilidades e o dever de obediência.

Também os Conselhos Gerais, segundo Vasco Cavaleiro, não são a aposta certa, pois poderão concentrar na Escola vectores da comunidade menos preparados.

Há uma panóplia de legislação sobre contratação, que se fundamenta no Código de Contratos Públicos e que é aplicável aos agrupamentos escolares, que tem de ser obrigatoriamente cumprida.

O mesmo se aplica aos procedimentos administrativos que assentam no respectivo Código.

Ana Carita - Investigadora em Psicologia da Educação - lembrou que a Escola, instituição onde crianças e adolescentes passam a parte mais significativa das suas vidas, sendo, por isso, não só, o lugar das aprendizagens académicas, mas também um contexto de aprendizagem e desenvolvimento comportamental, psicossocial e cívico.

Este papel exprime-se em diversas dimensões da gestão do currículo, através da forma como os professores gerem as situações de ensino, a aprendizagem e a avaliação, os relacionamentos entre si e os alunos, bem como a disciplina.

Abordou sumariamente os domínios em que a intervenção da escola, e de todas as suas estruturas, pode concretizar-se em prol de um desenvolvimento e um comportamento social positivo, e da criação de um ambiente escolar produtivo e positivo para todos.



A ASSP mais uma vez, demonstrou toda a sua vitalidade, com a dimensão e a qualidade que revestiram, em Santarém, as comemorações do seu 36º aniversário.

Na sessão de abertura, a Presidente da Direcção da Delegação de Santarém, Dunia Palma, deu as boas vindas, apresentou os elementos da mesa e agradeceu a sua presença e disponibilidade, realçando a colaboração solidária da Presidência do Instituto Politécnico de Santarém, da Escola Superior de Educação, da Câmara Municipal e do Conservatório de Música.

Em seguida a Presidente da Direcção Nacional, após ter agradecido à Delegação de Santarém a excelente organização do evento afirmou:

Hoje em dia a ASSP pretende dar vida a novas expressões da Solidariedade, cobrindo o largo espectro das condições que têm de existir para uma boa qualidade de vida do Professor, em todos os estádios do seu ciclo de vida. (...)

Quando pensamos o que é a ASSP e qual é a sua missão confrontamo-nos com uma simbiose perfeita: somos aquilo que fizemos, tendo como horizonte e guia a vida do Professor.

A ASSP foi criada por Professores e os Professores são a razão da sua existência.

Teve então lugar um apontamento musical de excepcional qualidade em que Flávio Bolieiro - acordeonista de enorme qualidade - deliciou os presentes.

36º ANIVERSÁRIO ASSP

Seguiu-se uma Conferência proferida por **Sónia Raquel Seixas**, docente da Escola Superior de Educação de Santarém, subordinada ao tema

Bullying e Cyberbullying em Idade Escolar.

Explicou a conferencista que *não se tratando de um fenómeno novo, o bullying tem-se assumido como uma problemática comum e atual em diversos contextos, com particular relevo nas escolas. Seja online, seja offline, são dois problemas sérios para os alunos envolvidos (agressores e vítimas) que se reflectem não só ao nível da sua saúde física e mental, como também ao nível dos desempenhos escolares e contextos de vida afins.*

No final houve uma interessante troca de impressões entre a conferencista e elementos da assistência.

Depois de um breve intervalo, foi a vez da colega Lucinda Saragoça, escutada com muito interesse, apresentar o seu trabalho – **Passeio Virtual no Ribatejo.**



Os participantes durante o fim-de-semana visitaram pontos de interesse da cidade anfitriã e museus – Casa dos Patudos em Alpiarça, Quinta do Casal Branco, Casa do Brasil, Casa Museu Passos Canavarro e Museu Diocesano de Santarém;

No almoço de sábado que contou com cerca de 200 pessoas a Presidente da Direcção Nacional dirigiu-se aos presentes e foi feita a entrega dos emblemas da ASSP aos Associados que perfizeram 25 anos de Associação, e a Presidente da Delegação de Santarém, ofereceu uma lembrança aos Presidentes das Delegações, assim como à Direcção Nacional.

Na sua intervenção, Ana Maria Morais, começou por agradecer, em nome de toda a Associação, a disponibilidade, a eficácia e o sentido de responsabilidade da Delegação de Santarém, na organização do evento.

E continuou:

Começo por vos dizer que uma Associação é, na sua génese, um acto de liberdade.

Poderíamos perguntar: porquê criar uma associação?

Na resposta que iríamos obter estava naturalmente contido um «para quê».



Este «para quê» teve uma razão e foi finalidade da ASSP no momento da sua fundação e manteve-se por muitos anos, marcando a sua identidade.

Uma identidade que o tempo perverteu.

A ASSP já não pode ser só uma associação de Professores que procuram com o concurso de colegas assegurar um espaço de segurança e protecção para os seus últimos tempos de vida.

A nossa Associação é obrigada a repensar o conceito Solidariedade e a encontrar naturalmente novas expressões do mesmo que orientem a sua acção. (...)

Estamos convictos que há muito trabalho a realizar e a nossa maior tarefa consiste em conquistar as novas gerações de Professores. (...)

Desejamos prever o que nós próprios estamos empenhados em criar.

Sabemos que as nossas previsões serão marcadas por falência parcial.

Mas só assim, prevendo, isto é, procurando avistar os grandes determinantes do futuro poderemos assumir cabalmente a responsabilidade dos objectivos a que nos propusemos. (...)

É esta procura de lucidez que nos reúne aqui, hoje, comemorando, com os olhos no futuro, trinta e seis anos de passado.

Parabéns ASSP. Parabéns a todos.

A Décima Sinfonia de Beethoven

Os grandes compositores acumulam mistérios, sobretudo nos últimos anos de vida. Surgem por isso biografias que fogem (e muito) à realidade, mas são fonte de apreciados livros e filmes.

Aconteceu com Liszt, Schubert, Haydn, Tchaikovsky e muitos outros, uns foram mais romaneados, outros menos. O expoente nestas abordagens foi o filme "Amadeus", de Mozart, baseado numa biografia cuidadosamente preparada para reabilitar, ao tempo, a sua imagem de bom cristão, e torná-lo numa vítima da inveja de Salieri, omitindo os seus desmandos e a sua entrada convicta na Maçonaria. O filme e o livro foram um caso sério de sucesso, e muita tinta correu para desmentir as fantasias que nos aparecem excelentemente interpretadas. Este filme americano de Milos Forman, de 1984, foi nomeado para 53 prémios e recebeu 40, entre os quais 8 óscares da Academia Americana de Cinema. Uma barbaridade? Um pouco de exagero, talvez, mas resta a excelente música, que, essa sim, não sofre mutações de guião.

Chegou agora a vez de Beethoven (1770-1827). Biografias diversas foram abordando as suas in(felizes) relações amorosas, a sua misantropia, o carácter difícil, a sua teimosia, a sua relação de soberba para com todos e

com o mundo. Beethoven teria em enorme conta a sua música. E nisso tinha razão. Mas não a tinha noutras atitudes menos simpáticas.

Também o cinema o retratou: em "A AMADA IMORTAL" ("Immortal Beloved", de Bernard Rose 1994) e mais recentemente "O SEGREDO DE BEETHOVEN" ("Copying Beethoven", de Agnieszka Holland, 2006). O primeiro cruza romances feitos e desfeitos do compositor, o segundo, inventa uma jovem e bela "copista" que o teria ajudado com a Nona Sinfonia e nas outras últimas obras.

A incontornável "Nona Sinfonia": Beethoven escreveu apenas nove sinfonias ou existirá uma décima?

Quando estreou a Nona (Sinfonia nº 9, em Ré menor, chamada de Sinfonia Coral) Beethoven usou um texto de Schiller – An Die Freude (Ode to Joy, ou Ode à Alegria) e uniu de uma forma genial a poesia e a música. Tratou-se do expoente da "exaltação dionisiaca da fraternidade universal". Vejam um pouco da tradução:



Oh amigos, mudemos de tom!
Entoemos algo mais agradável
E cheio de alegria!
Alegria, mais belo fulgor divino
Filha de Elíseo
Ébrios de fogo entramos
Em teu santuário celeste!
Tua magia volta a unir
O que o costume rigorosamente
dividiu
Todos os homens se irmanam
Onde pairar teu voo suave...
.../...

A surdez de Beethoven, o maior compositor do século XIX, tinha-o tornado também no maior compositor "abstracto" da sua época. Não ouvia os resultados, sentia-os interiormente e sem referências auditivas. Temos dificuldade em perceber esta abstração.

Como muitos compositores (e outros artistas), o músico deixou para a posteridade uma grande quantidade de fragmentos, rascunhos de obras que não escreveu. Porque não os considerava bons, porque não o inspiravam para os desenvolver e aperfeiçoar, ou simplesmente porque a morte lhe tirou o tempo para isso. Muitos desses fragmentos perderam-se, outros, de tempos a tempos, vão sendo encontrados. Aconteceu que dois musicólogos – o alemão Sighard Bramdenburg e o inglês Barry Cooper, – comunicaram em 1984 e 1985, a "estrondosa" descoberta de três grupos de esboços de uma sinfonia, datados de 1822 a 1825, dois anos antes da morte do compositor. Eram cerca de 350 compassos, na tonalidade de Mib Maior, quase todos pensados para o primeiro andamento.

E aqui começa a saga da "DÉCIMA SINFONIA": Barry Cooper, apoiado em duas cartas da época, afirma que Beethoven teria mesmo uma forte intenção de terminar essa última sinfonia. Uma descrição em carta do violonista Karl Holz (copista e secretário de Beethoven) é coincidente com os esboços pesquisados, e também afirmou ter ouvido Beethoven a tocá-la ao piano.

E a saga continua: ainda na década de 80, Barry Cooper, à

data professor na Universidade de Manchester, realizou atrevidamente uma construção hipotética do primeiro andamento, baseada nos esboços. Que de seguida é publicada (Universal Edition, Londres, 1988) e de seguida apresentada ao vivo em vários países e gravada por orquestras. Encontram-se assim registos desta "sinfonia reconstruída", como a realizada pela Orquestra Sinfónica de Londres, em 1993, dirigida por Wyn Morris.

Esta "descoberta" foi apoiada por alguns, tolerada por outros, e acusada por muitos de oportunismo, comercialismo e especulação pura. Barry Cooper foi alvo de muitíssimas críticas, inclusive ao próprio trabalho de reconstrução, para uns mal feito, para outros irresponsável, para outros inqualificável. Mas o facto é que ele existe e pode ouvir-se.

E agora uma outra especulação: e não poderá Beethoven ter deixado um manuscrito autógrafo e completo da sua "Décima Sinfonia", ainda não encontrado? Diferente da reconstrução de Barry ou de outros, não poderá ser uma obra-prima? Mais revolucionária? Decretando o fim da "maldição da nona"?

O universo musical erudito sempre foi um terreno fértil para o surgimento de mitos, lendas e superstições. Um exemplo é a "maldição da nona sinfonia". Aquela mesma que tem o conhecido tema coral no último andamento, posteriormente transformado no Hino da União Europeia e um dos mais expressivos apelos à paz e à fraternidade entre os povos. Para muitos, algo

mais que música. Para a Unesco: "Património da Humanidade".

Certo é que Beethoven e sua última Sinfonia exerceram uma grande influência sobre seus sucessores. E mais, parece que também os assombraram e muito. Porque, após a morte de Beethoven, uma série de importantes compositores não terminaria uma décima obra do género, ou seja, dezenas de compositores não chegariam ao mítico número 9, não ultrapassariam Beethoven, tais como Mendelssohn, Brahms, Schumann e Tchaikovsky, e só alcançaram esse número fatídico Bruckner, Schubert, Mahler, Spohr e Dvorák.

A "Décima Sinfonia" de Beethoven existe realmente? Nem o romance com o mesmo título, de Joseph Gelinek, pseudónimo de um musicólogo espanhol, publicado em 2009, me deixa sem uma pequena mas excitante dúvida.

Augusto Mesquita

A par da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, prosseguiu estudos no Conservatório Regional. É diplomado em Piano e Composição pelo Conservatório de Música de Lisboa. De 1994 a 1999 foi Presidente da Direção do Conservatório de Música de Coimbra, onde foi professor de Piano. Atualmente leciona na DNA (Dance N'Arts School) e na Associação de Solidariedade Social dos Professores, em Coimbra.

Entre outras distinções, possui o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (10 de Junho de 1997).



Já é habitual na DL, os associados fazerem os roteiros da CP. Este mês, dada a época, fomos à Rota da Lampreia.

A CP aproveita, e muito bem, o tempo de transbordo no Entroncamento para levar os passageiros ao Museu Ferroviário inaugurado em 2009. Museu Ferroviário? Nem sabíamos que existia em Portugal.



Visita guiada

As nossas expectativas eram grandes!

Um excecional guia com uma bela voz, mostrou-nos com paixão as salas onde estavam expostas as oficinas ferroviárias, os protótipos de várias carruagens, tudo muito polido e tratado com amor, pelas mãos dos próprios ferroviários.

Fomos surpreendidos pela utilização de tecnologia sofisticada para nos apresentarem a história

dos 150 anos dos comboios em Portugal. **“Uma viagem no tempo”!**

Abaixo, os grandes impulsionadores da construção de linhas férreas em Portugal, D. Pedro V e Fontes Pereira de Melo



E ... as locomotivas? De repente ei-las... que, num salão enorme, em número considerável e em semicírculo, nos aguardavam.



Locomotivas Perfiladas

Perfiladas altivas e belas, olhavam para nós com um certo desdém, ciosas das memórias que guardam da História, da Cultura e dos dramas e alegrias das vidas das pessoas que transportaram.

Lá estava também “D. Luís”, o trem real, com a sua locomotiva a vapor, um verdadeiro e requintado palacete ambulante.

Mais austero, como convinha, o comboio presidencial (que vai ser restaurado) e que desde os meados do séc. XX, transportou



os presidentes do Estado Novo e convidados que nos visitavam; como por exemplo, a Rainha Isabel II de Inglaterra, em 1957. Abaixo a sala de reuniões.

“Conhecer este Museu é uma visita ao Passado que recomendamos.”



A Rota do Açúcar e a Pintura Flamenga

À primeira vista poucos encontram relação entre a Produção Açucareira e a Pintura Flamenga, porém as duas encontram-se relacionadas.

O cultivo da cana-de-açúcar teve início no século XV. A Coroa e os dirigentes madeirenses exportaram desde então a sua produção para toda a Europa.

A Madeira era o único produtor de açúcar do velho continente.



Tríptico de São Pedro

Essa condição de exclusividade, permitiu-lhe receber painéis flamengos vindos de Flandres, Bruges e Antuérpia. Estes painéis, recebidos como forma de pagamento do precioso "ouro branco", destacavam-se pela qualidade e grandes dimensões, pouco comuns na Europa.

O ciclo do esplendor açucareiro foi a época de maior desenvolvimento económico e cultural da ilha, que se tornou conhecida em todo o Mundo civilizado.

O relevo desta atividade motivou o madeirense Diogo de Teives a inventar o primeiro engenho mecânico movido a água, resultando num forte aumento da produção, que em 1506 chegou a atingir as 230.000 arrobas anuais.

Ainda hoje os nossos museus preservam estas valiosas obras artísticas. O Museu de Arte Sacra

do Funchal, possui uma das mais representativas coleções mundiais de pinturas flamengas, a qual é orgulho dos madeirenses.

Pães de Açúcar, o que são?



Após a cana ser espremida e o caldo fervido e apurado, os blocos de açúcar eram colocados numa forma de barro cônica para transportá-lo para a Europa, que era denominado pão de açúcar.

As escolas de Portalegre e a qualidade da educação

“Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”,

art.º 74.º da CRP

Estarão as condições para o sucesso educativo das escolas do interior do país asseguradas em situação de igualdade com as do litoral e dos centros urbanos de maior dimensão?

Os rankings de escolas que anualmente são divulgados parecem indicar que não... mas estes rankings são elaborados a partir de comparações incomparáveis. Os contextos locais, as realidades socioeconómicas e culturais, os recursos disponíveis, a estabilidade dos corpos docentes... todas estas variáveis ficam de fora do processo de elaboração de rankings e a realidade é distorcida nas seriações publicadas.

Em Portalegre, por exemplo, as escolas estão organizadas em dois agrupamentos verticais, e uma escola básica e secundária não agrupada. Esta última, a Escola Secundária de São Lourenço, oferece o ensino básico e secundário, desde o 7.º ao 12.º ano. Já o Agrupamento de Escolas José Régio assegura uma oferta desde a educação pré-escolar até ao final do ensino básico (9.º ano) e o Agrupamento de Escolas do Bonfim abrange desde o pré-es-

colar até ao 12.º ano.

Serão estas escolas inferiores às do litoral do país? A realidade demonstra que não. Em todas elas são desenvolvidos processos educativos de referência, tendo em conta parâmetros próprios.

Por exemplo, será um aluno da Escola Secundária de S. Lourenço quem vai representar Portugal nas Olimpíadas das Ciências que decorrerão em Copenhaga durante o mês de Maio. Já o Agrupamento de Escolas José Régio, integrando um Território Educativo de Intervenção Prioritária, com cursos PIEF de especial complexidade, tem uma tradição de articulação com a comunidade e de estabelecimento de parcerias que torna significativas as aprendizagens que promove. Por último, o Agrupamento de Escolas do Bonfim é a segunda instituição escolar portuguesa, de ensino não superior, a receber o reconhecimento “Committed to Excellence”, atribuído pela Associação Portuguesa de Qualidade (APQ).

Há, portanto, motivos de orgulho para as comunidades educativas de Portalegre, pelo reconhecimento da qualidade das aprendizagens e dos processos educativos desenvolvidos. Pode dizer-se que o preceito constitucional que comete ao Estado a responsabilidade por uma educação de quali-

dade para todos está a ser cumprido.

Portanto, é com preocupação que se acompanha o processo de municipalização da educação, contratualizada em 34 projetos piloto (que no distrito de Portalegre apenas se verifica nos concelhos do Crato e de Sousel) e reforçada pela Resolução da Assembleia da República n.º 68/2017, de 24 de abril, que prevê a delegação de competências do Estado nas Autarquias, em matérias tão sensíveis como as da gestão curricular e pedagógica (com a introdução de currículos municipais), gestão do calendário escolar e das ofertas educativas, gestão da ação social escolar, ou até a gestão de recursos humanos, nomeadamente o recrutamento de bolsas de professores para os referidos currículos municipais.

O Estado deixará assim de ser o garante da coesão educativa no todo do território nacional.

Tendo em conta o presente, devemos preparar o futuro aprendendo com as experiências do passado. E não podem ficar sem reflexão as experiências de municipalização da educação ocorridas durante a Primeira República e as consequências nefastas que daí resultaram para professores, alunos e para a estabilidade do sistema educativo.



Do Porto para o mundo

A 8 de setembro de 1947, na Ordem da Lapa, freguesia de Cedofeita no Porto, nasceu o primeiro de quatro filhos de uma família em que avô e pai, ambos de nome Manuel, eram médicos, o primeiro um digno "João Semana" em Arouca e o segundo, Professor na Faculdade de Medicina. Cumprindo a tradição, o primogénito, sendo varão, seria Manuel e seria médico. Assim se cumpriu e Manuel Alberto Coimbra Sobrinho Simões, formou-se em Medicina na Universidade do Porto e especializou-se em Patologia, área na qual desbravou caminhos, nomeadamente no cancro da tiroide. Como Professor e investigador, fundou há 26 anos o instituto de investigação IPATIMUP, que ainda dirige, e que abriu para o mundo caminhos novos no estudo do cancro.

O seu dinâmico caminho profissional, marcado pela excelência, é digno de destaque e a ele não foram indiferentes os patologistas de todo o mundo quando, em 2105, questionados pela revista internacional *The Pathologist*, indicaram este cientista como o mais influente Patologista do mundo. As razões que justificam a sua escolha, percebem-se no que escrevem os seus pupilos e os seus pares, que a ele se referem como "um professor entusiasta, que está sempre pronto a partilhar o seu conhecimento". Afirmam que "é, não apenas um grande cientista, mas também uma pessoa carismática, generosa, simpática e atenta aos outros", e "as suas contribuições para o diagnóstico clínico do cancro da tiroide são excecionais".

O investigador afirma que o que mais gosta de fazer é ensinar, e isso torna-se evidente na sua prática diária. Ensina pelo mundo fora, da China à Turquia, da Rússia aos Estados Unidos.

Muitas outras distinções lhe foram atribuídas, numa longa e brilhante lista, em Portugal e no mundo, como o Prémio Pessoa em 2002, Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 2004, comendador da Ordem de Mérito Real da Noruega, em 2009.

Foi presidente da Sociedade Europeia de Patologia entre 1999 e 2001 tendo criado unidades da Escola Europeia de Patologia em Ancara, Moscovo, Craiova, Cracóvia e muitas outras. Foi igualmente durante a sua presidência daquela sociedade europeia que se realizaram os primeiros congressos intercontinentais

da especialidade, aproximando pares como até então nunca tinha acontecido.

A sua forma de estar na vida e na profissão, é a que o leva também a fazer uma média de trezentas consultas gratuitas por ano, para casos de cancros difíceis, oriundos de todo o mundo. Apesar de toda a sua envolvimento nas causas de defesa e no trabalho que desenvolveu, jamais deixou de viver a sua juventude, ainda que isso implicasse algumas horas da noite: nada perdido, estudava antes de dormir.

Assim se define o homem e o cientista que afirma: "Estou aterrorizado com a reforma, não sei fazer mais nada"!

Maria Otilde Rodrigues Simões

Comissão Administrativa – Delegação do Porto da ASSP

Mensagem para um professor

Contra ventos e marés,
Mantém-te ao leme
Do teu barco.
Que nada te perturbe,
Que nada te desvie
Da rota sonhada.
Segue, sereno,
Na senda das estrelas
Que brilham nos olhos
Dos que te foram confiados.
Ensina-os, vela por eles,
Sê o seu porto de abrigo,
A luz do farol
Para sempre aceso
Nas suas vidas.

Flora Azevedo

Professora (Associada n.º1074)

Fontes Consultadas

https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20e%20ilustres%20-%20manuel%20sobrinho%20simoes

<http://anabelamotaribeiro.pt/manuel-sobrinho-simoes-137812>

<http://www.dn.pt/portugal/interior/manuel-sobrinho-simoes-estou-aterrozado-com-a-reforma-nao-sei-fazer-mais-nada-4731922.html>

Direitos Humanos, uma breve história (Parte II)

(..para trás, deixamos a Lei de Talião do Rei Hamurábi, o Cilindro de Ciro II, o Direito Natural Romano. estamos em plena Idade Média e da Inglaterra chegam-nos conquistas nos direitos dos homens.)

As conquistas iniciadas na Inglaterra para o Mundo

Somente a partir do séc. XVIII é que alguns direitos hoje chamados de “humanos” passaram a ser observados, em especial, na Inglaterra. Entre esses direitos cabe destacar:

Magna Carta (1215) – “Nenhum homem livre será preso, aprisionado ou privado de uma propriedade, ou tornado fora-da-lei, ou exilado, ou de maneira alguma destruído, nem agiremos contra ele ou mandaremos alguém contra ele, a não ser por julgamento legal dos seus pares, ou pela lei da terra.” A Petição de Direito, iniciada por Sir Edward Coke, feita em 1628 pelo Parlamento Inglês e enviada a Carlos I como uma declaração de liberdade civil, baseou-se em estatutos e cartas anteriores e afirmou quatro princípios:

- 1 Nenhum tributo pode ser imposto sem o consentimento do Parlamento.
- 2 Nenhum súbdito pode ser encarcerado sem motivo demonstrado
- 3 Nenhum soldado pode ser aquartelado nas casas dos cidadãos.
- 4 A Lei Marcial não pode ser usada em tempo de paz.

Habeas Corpus Amendment Act (1679) – Anulação das prisões arbitrárias

Bill of Rights (1689) – Submissão da monarquia a soberania popular.

Declaração da Independência dos Estados Unidos da América – 1776

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, França – 1789, reformulada em 1793 serviu de base para a criação da atual **Carta Universal dos Direitos Humanos**, apresentada por Anna Eleanor Roosevelt à Assembleia das Nações Unidas para ser aprovada., é composta por 30 artigos.



Na fig. João Sem Terra assinando a Magna Carta.

Artigo 30º Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma atividade ou de praticar algum ato destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados.

CIDADE DO RIO AZUL OLHANDO A SERRA E O MAR

São de Maria Helena Soares Reis Horta, poetisa setubalense de reconhecido mérito, os poemas que vos apresentamos.

Nasceu para a poesia impulsionada por Sebastião da Gama, seu professor e grande amigo.

Trago nos olhos o Rio

Trago nos olhos o Rio
que me embalou
ao nascer
Na voz,
requebros de onda
que na praia
vem morrer

Trago nos dedos
a espuma,
nos cabelos
os sargaços,
no meu corpo
esta ansiedade
de adormecer
nos seus braços

Menina da beira-rio,
mulher feita à beira-mar,
voando com as gaivotas
eu aprendi a sonhar.

(in "Trago nos olhos o Rio")

Arrábida Serra e Mar

Minha serra
Verde verde
Tão verde de olhar o mar
Que dia e noite
A seduz
Com cantigas de embalar

Canta a onda no rochedo
Alegre pela tardinha
Acordando o rouxinol
Poeta cantor
Presságio
Da noite que se avizinha

E a noite
Abraça e protege
Carreirinhos peregrinos
Onde se escondem segredos
De frades arrabidinos
E a noite
Tem a frescura
De rosmaninho a florir
De alfazema perfumada
De medronho a colorir

Tem o travo de Saudade
Aroma de rosas mil
Rosas bravas albardeiras
Rainhas do mês de Abril
E a noite
Guarda o mistério
Do passado a renascer
Guarda o Sonho do Poeta
E os poemas por escrever

Minha serra
Verde verde
Encanto dos olhos meus
Na Mata do Solitário
Fico mais perto da Vida
Fico mais perto de Deus.

(in "Traços da Memória")

Aristides de Sousa Mendes

«A partir de agora, darei vistos a toda a gente, já não há nacionalidades, raça ou religião. Se há que desobedecer, prefiro que seja a uma ordem dos homens do que a uma ordem de Deus». Estas foram, de acordo com testemunho escrito do seu filho Pedro Nuno, as palavras que Aristides de Sousa Mendes (1885-1954) pronunciou a 17 de Junho de 1940, na residência consular em Bordéus, onde exercia as funções de Cônsul Geral (1938-1940).

Milhares de pessoas, desesperadas com o avanço das tropas de Hitler, amontoavam-se à porta do consulado português, suplicando um visto que lhes permitisse viajar para Portugal – nominalmente neutro – de onde esperavam rumar a outros países dispostos a aceitá-los. O governo português, chefiado por Oliveira Salazar, tinha emitido a Circular nº 14 (1939), proibindo a

concessão de vistos a cidadãos apátridas, russos, estrangeiros sem meios de subsistência e, especificamente, a judeus expulsos dos seus países de origem ou daquele onde eram cidadãos.

Conhecedor da situação política e social que então se vivia na Europa, ASM sabia que, ao respeitar esta determinação, estava a condenar milhares de refugiados à morte nos campos de concentração. Com a urgência que a situação impunha, enviou repetidas missivas a Salazar, mas a resposta aos pedidos de visto não chegava e a pressão crescia à sua volta.

Se desobedecesse a essa célebre circular, ASM tinha consciência de que estava a pôr em causa a sua carreira de diplomata e, consequentemente, o sustento e o futuro da sua numerosa família. Mas os seus princípios religiosos, a consciência moral e o respeito pela dignidade humana falaram mais alto. Aristides de Sousa Mendes decidiu «desobedecer».

Entre 17, 18 e 19 de Junho, coadjuvado pelos seus dois filhos mais velhos, trabalhou exaustivamente e crê-se que tenha concedido cerca de trinta mil vistos para entrada em Portugal, dos quais dez mil a cidadãos judeus.

No dia 24 de Junho recebeu um telegrama de Oliveira Salazar intimando-o a regressar a Lisboa e a responder pelo ato abusivo de indisciplina.

Destituído do cargo e impedido de exercer outros, abandonado por muitos amigos, sem meios de sustentar a sua família e repetidamente ignorados os pedidos de reabilitação da sua cidadania, ASM veio a falecer, amargurado, em 1954, na cidade de Lisboa.

O primeiro reconhecimento do seu ato heroico veio de Israel – Centro *Yad Vashem*, que lhe atribuiu o título de **«Justo entre as Nações»**. Muitas outras homenagens se seguiram.

Em 1995, o então Presidente da República Mário Soares, pediu desculpas públicas à família de ASM e o Parlamento promoveu-o à categoria de Embaixador. Em 1995 o mesmo Chefe de Estado atribuiu-lhe o grau de **Oficial da Ordem da Liberdade**.

No 63º aniversário da sua morte (03-04-2017), na casa de família – casa do Passal, em Cabanas de Viriato, Carregal do Sal, Viseu, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa concedeu-lhe a Grã-Cruz de Ordem da Liberdade, honrando «o cônsul de Bordéus» por ter dado primazia ao **«valor supremo da pessoa humana e à sua intocável dignidade»**.



Portugal e os Fundos Europeus

Ao contrário do que a maioria dos meios de comunicação tentam divulgar, Portugal não privilegiou na utilização dos Fundos Comunitários a construção de estradas e de infra-estruturas.

Ao invés do senso comum Portugal apostou na **Educação e Formação Profissional**, durante a vigência de três Governos, isto é a partir de 2007.

O projecto que mais fundos recebeu, a partir desta data, foi o da requalificação do Parque Escolar, a Direção-Geral do Ensino Superior, a fundação para a Ciência e Tecnologia (bolsas de investigação) e o Instituto do Emprego e Formação Profissional. Neste último ressaltam as Novas Oportunidades (formação de adultos) e Inov Jovem (estágios profissionais).

Ao analisarmos os dados - que ainda estão a ser trabalhados pelas instancias europeias - verificamos que só a Bélgica, a Austria, a Irlanda e **Portugal** erigiram a Educação e/ou a Formação Profissional como prioridades.

Para termos uma ideia, só a empresa de ferrovia checa recebe fundos equivalentes à totalidade do nosso país. As estradas da Polónia, da Estónia, Lituânia, Eslováquia, Eslovénia, Hungria, Bulgária, Grécia, Croácia, Chipre e Espanha foram as apostas destes países na utilização dos fundos.

O mapa da distribuição dos fundos revela a grande discrepância na distribuição dos fundos pelos diferentes Estados.

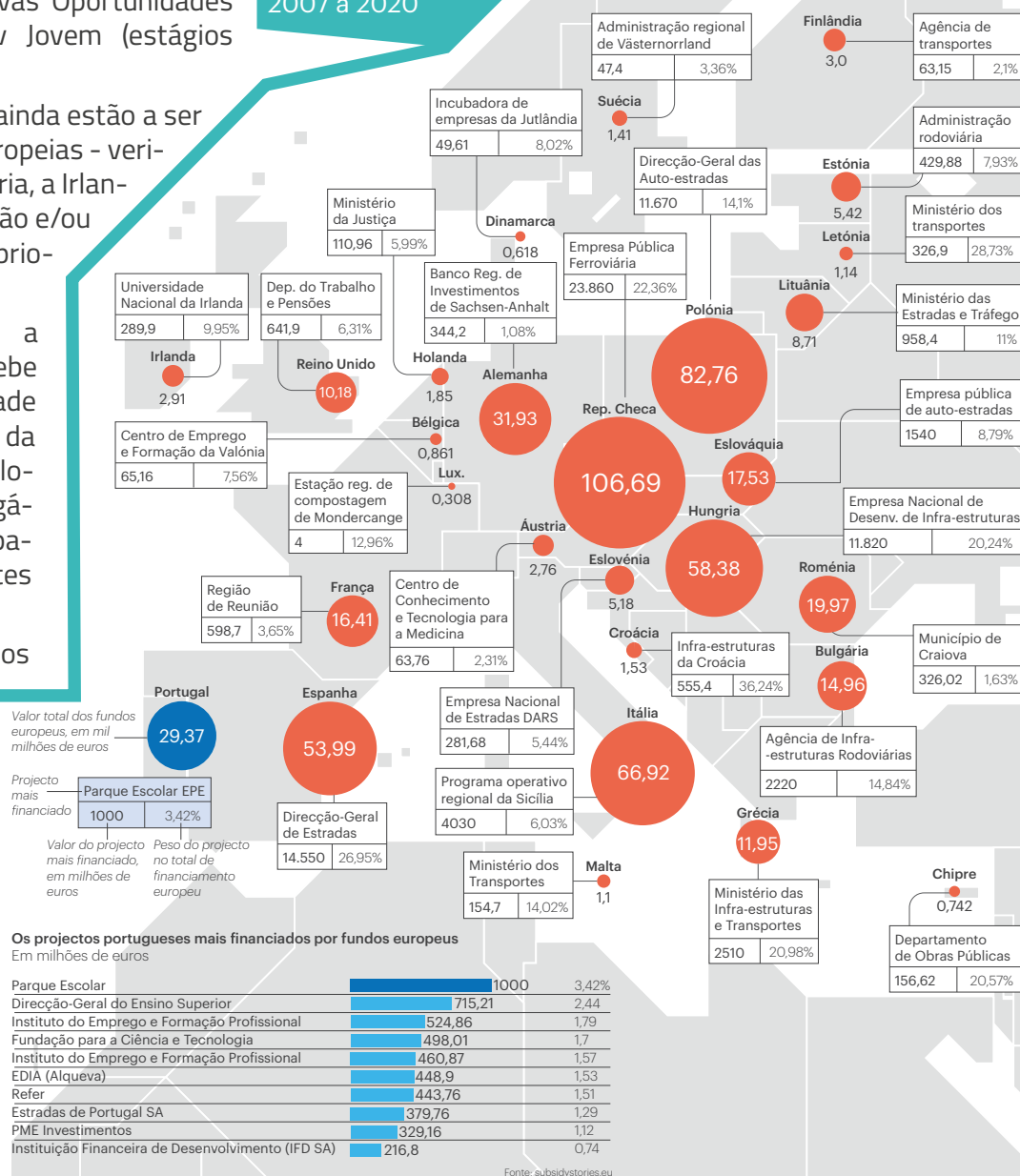
Para se receber o máximo de fundos *é preciso dominar a arte*, segundo a expressão dos envolvidos, ganhar as duras negociações, satisfazer os apertados critérios de co-financiamento e ter capacidade para contribuir com verbas próprias.

Os dois quadros comuni-

tários de apoio (2007-2012 e 2013-2020) foram determinantes, nomeadamente porque grande parte do investimento disponível vem dos fundos europeus.

Estes investimentos, cuja gestão foi muito polémica, começam a dar os seus frutos e alguns deles colocam Portugal em lugares de relevo, tais como a nível da investigação.

Prioridades de fundos europeus por país 2007 a 2020



energia cria energia



Peça o seu cartão de descontos Galp!

Com este cartão poderá usufruir de descontos imediatos na compra de combustíveis nos postos de abastecimento Galp.

Descontos imediatos em Portugal Continental e na Madeira

Combustíveis **Evologic**

7 cênt./litro

Abastecimentos iguais ou superiores a 25 litros,
se o consumo no mês anterior for superior a 50 litros.

6 cênt./litro

Abastecimentos iguais ou superiores a 25 litros.

5 cênt./litro

Todos os abastecimentos inferiores a 25 litros.

Em combustíveis simples e GPL Auto, o desconto aplicável é 1 cênt. inferior ao desconto em combustíveis Evologic. Desconto aplicável até 60 litros por abastecimento, até 2 abastecimentos por dia, até 120 litros com desconto por dia e 150 litros por mês.

Receberá ainda:

- **Desconto fixo de 4 cênt./litro** nos postos Galp dos Açores
- **Desconto fixo de 3 cênt./litro** nos postos Galp em Espanha
- Informação privilegiada sobre todas as novidades Galp
- Promoções e ofertas exclusivas

Peça o seu cartão através do Serviço a Clientes 707 504 257, disponível todos os dias úteis,
das 9h às 21h ou maispormenos@galp.com.

Vantagens de ser Associado



Formação Contínua

A ASSP faz uma comparticipação directa de 50% do custo de Acções de Formação Acreditadas pelo Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua através de um Centro de Formação.



Seguros de Saúde

Seguros Maiores: **Maior Economia. Maior Segurança. Maior facilidade:**

Seguro de Saúde, Seguro Automóvel, Seguro Habitação, Seguro de Acidentes Pessoais, Seguro de Vida/Crédito, Seguro Poupança. Há ainda Seguros de Saúde, com vantagens únicas, concedidas pela MGEN e acesso ao Seguro de Saúde de Grupo ASSP-Multicare, com preços aliciantes.



Combustível

Todos os Associados têm acesso ao cartão da **GALP MAIS POR MENOS** que permite descontos imediatos na aquisição de combustíveis nos postos **Galp**.



Descontos

Descontos vários em Farmácias parceiras e em muitas outras empresas das mais variadas áreas, nomeadamente nas da Saúde, Beleza e Bem-Estar, Educação, Cultura, Lazer.



Alojamento

Acesso às 4 Residências Sénior da ASSP, ao alojamento temporário e à *Casa da Torre*, Turismo Rural da ASSP. Descontos em outras Residências Sénior do país.



Actividades e Convívios

Nas Delegações da ASSP desenvolvem-se cursos e actividades que promovem a valorização pessoal dos participantes, tecem-se laços com a comunidade envolvente, e marca-se a presença da ASSP em eventos de carácter variado.

Desencadeiam-se iniciativas que visam fomentar o envelhecimento activo socialmente gratificante e estimulante.



Campos de Férias

Destinados a filhos e netos de Professores, assegurados por equipas de monitores multidisciplinares e especializadas. Os Campos visam o desenvolvimento integral das crianças e jovens, proporcionando momentos de lazer, reflexão e partilha, num ambiente saudável e seguro.



Apoio ao Estudo

Em Guimarães e em Terras de Santa Maria (Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis) funcionam actividades de Apoio ao Estudo, destinadas a crianças e jovens.